

DAQUELES QUE DIZEM O NOME

LAURA FARIA PORTO BORGES²

Mas dava para se ouvir o canto do pássaro, aquele que dizia o próprio nome. Ela, quieta, não tinha perguntado nada. Tentava inutilmente se concentrar em se manter em seu próprio vazio, na sua própria incapacidade de odiar. “Ouve esse: sabe qual é? É daqueles que falam o nome, ó...” O menino então assobia imitando o pássaro. Ela, quieta, ouvindo. Ouvia sem escutar. Era tudo pegajoso, gosma impura. O ódio que tentava sentir era viscoso, e brotava inordenadamente. Era orgânico, vital. Era a gema do ovo, o branco da barata, o olho do búfalo. Era nojento e era o que fazia viver. Seu olho começara a arder, tal a brutalidade fixa com a qual olhava para o fogo. Em pé, perto da fogueira, sentindo o frio das mãos. “Eles tão é perdidos... ficam se chamando sem parar...” disse o menino, ainda sobre os pássaros. Ela estava longe, mas não queria voltar. Voltar significaria perceber para onde ela tinha ido, significaria perceber a distância que ela tinha tomado dela mesma. Seria ver, verdadeiramente, o clarão dentro de si, que certamente a cegaria. Sair de si significaria se ver no outro. Não, isso não. Dava medo. Esse lugar escuro, úmido, era ríspido, mas era confortável. Era uma prisão que salvava a alma do pavor da liberdade. Olhava para seus pés. Eram pés estúpidos. Ali, em vão, ocupando aquele espaço no universo, só com a parva missão de mantê-la em pé. “Eu sei, Lena, é uma merda... Você quer conversar?” (pausa. respiração pesada.) “Eu só quero ficar no fogo mais um pouco”, disse. A doçura do amigo a impedia de explodir em amargura, de chegar nela mesma. Ele a salvava de si. Mas ele não sabia que ela, cansada da doçura, saturada do enjoativo do mel, só buscava o ódio. Ficou um tempo focando na sensação. No de dentro de si havia uma contração, um movimento alienígena, vermiforme, vermelho. Como? Como ser quem se é? Como ser um ser que odeia? O mundo zunia em seus ouvidos. Um vidro fino caindo, caindo, puxado para o chão, se estilhaçava em um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete pedaços e mais mil pedacinhos cortantes e agora eles só tinham uma função cortar cortar cortar mil vezes a pele e entrar fundo mais fundo na cartilagem no osso núcleo. Seus dedos do pé estavam tão contraídos dentro da bota que começaram a doer. Seu mal era não saber odiar. Vertigem. “*Você é tão inteligente, sabia? Queria sempre te dizer o quão inteligente você é.*”. Nunca a chamava pelo nome, porque isso seria um reconhecimento fatal de que ela, era. E ele nunca admitiria isso. “Você devia denunciar, sabe? Pra esse cara nunca mais fazer isso com nenhuma aluna”. “Eu vou, eu vou. Agora eu só quero ficar no fogo”.

² Graduanda em Português-Árabe pela FFLCH-USP. Integrante do grupo de pesquisa TARJAMA: Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna (CNPQ). Contato: laurafaria@usp.br